PREFÁCIO

O sábio helenista Mario Meunier explica-nos assim A Ilíada*, e fixa o seu alto significado e valor:*

*«A intenção de Homero, como o anuncia logo no princípio d'*A Ilíada*, é precisamente cantar "a cólera de Aquiles e suas funestas consequências". Poema da cólera dum homem e do seu castigo,* A Ilíada *mostra o que pode produzir a união do ódio e do exagero; põe-nos diante dos olhos, para empregar aqui as palavras de Pitágoras, "os terríveis males que pode causar a intemperança dum só". Portanto, se nesse poema não se procuram senão as funestas consequências da cólera dum homem que perdeu o sentimento da piedade, que não possui virtudes de moderação, nem ductilidade de pensamento, mas selvajaria, tal o leão cedendo à sua grande violência, à sua máscula coragem, e que se arremessa contra os rebanhos dos homens, para se alimentar", a unidade d'*A Ilíada *aparece-nos clara, e a sua lógica, impecável. É porque Aquiles não quer "renunciar à discórdia e conter a soberba de seu coração" que o seu ressentimento se torna uma causa de males inevitáveis. Se ele não tivesse esquecido que a benevolência e o perdão devem tomar o passo ao ódio e à violência, a fúria desmedida não o*

*cegaria, e a sua fidelidade à causa comum teria poupado a tantos nobres heróis o horror de morrer pranteando o aniquilamento da sua juventude. A glória de Aquiles não é, pois, a finalidade confessada d'*A Ilíada*. O poeta não celebra ali senão uma pequena parte das façanhas do seu Herói. O que ele pretende não é glorificar uma personagem, não é exaltar uma raça ou um país. A sua simpatia manifesta-se por todos os bons soldados, qualquer que seja o campo em que se encontrem, e a sua humanidade enternece-se tanto perante o vencido Troiano como em face do Grego vencedor. A tese fundamental deste magnífico poema é uma tese moral, de perene valor; é a épica expressão duma alma que detesta a guerra, abomina a violência e odeia o exagero. Em suma,* A Ilíada *não é somente para nós a obra sedutora que um génio pessoalíssimo assinalou com a sua garra, é também o desenvolvimento lógico e rigoroso duma ideia inspirada pelos mais harmoniosos pensamentos de piedade, de nobreza e de generosidade que podem despertar na alma e no coração do homem civilizado.»*

Assim disse Mario Meunier, e assim penso e creio que deve ser entendida e interpretada A Ilíada*. Por isso mesmo me atrevi e decidi a transcrever aqui os seus admiráveis e límpidos conceitos.*

I

HELENA
E A GUERRA DE TROIA



Helena era a mais bonita, a mais elegante, a mais graciosa e, ainda, a mais rica das mulheres gregas. Seu marido, Menelau, rei de Esparta — um dos reinos em que então a Grécia estava dividida —, adorava-a. Mas adoravam-na também os Gregos todos, de todas as regiões da Hélada. Consideravam-na um talismã. E mesmo aqueles que nunca a tinham visto sabiam da sua beleza e da sua opulência. Além do mais, Helena dava o exemplo das virtudes melhor estimadas entre os povos do mundo inteiro, naquela época mais ou menos conhecido. Boa dona de casa, tecia os seus vestidos, e os de Menelau, no tear de preciosa madeira em uso no tempo. Tecidos finíssimos, de lã macia e alva, ou de cores que não perdiam o brilho, e aos quais muitas vezes se entrelaçavam fios de ouro e de prata. Quanto às suas riquezas, às riquezas de Helena, eram inumeráveis: colares, diademas, pulseiras de metais raros, ora só batidos, ora cinzelados por artistas de singular talento. Os baús da sua casa dia a dia mais se enchiam de joias resplandecentes. E que dizer dos fartos rebanhos de carneiros, das manadas de bois, dos prados em que estes pastavam, dos pomares viçosos, dos jardins floridos que rodeavam o palácio

de Menelau? Helena de tudo cuidava, em tudo governava cuidadosamente. Um modelo, enfim, essa mulher, amada como uma deusa, sem cuja presença os Gregos julgavam não poder viver, de tal modo a sua ausência lhes parecia uma calamidade pública. Felizes, pois, o rei Menelau e sua esposa, gozavam do afeto, da admiração e do respeito de milhares e milhares de devotos, nacionais e estrangeiros.

Admiração e respeito que irradiava dentro e fora das fronteiras. Assim, em Troia — cidade da Ásia Menor do outro lado do mar Egeu —, o formoso Páris, filho de Príamo, soberano daquela cidade, teve conhecimento do nome e da excecional reputação de Helena. Jovem destemido e vaidoso, impando de jactância, e ávido de tesouros, resolveu embarcar e ir até Esparta, para observar de perto o que ali se passava. Perigosa resolução, que provocaria desgraças e carnificinas terríveis — e, por fim, a destruição de Troia. Mas não antecipemos... Sigamos Páris na sua aventura.

Rápida e fácil foi a viagem a Esparta. Menelau acolheu o viajante com honras devidas a príncipe de tão notável importância. Alojou-o no Palácio Real, tratou-o generosamente e recomendou a Helena que tivesse as maiores atenções para com o hóspede ilustre. Este, porém, agradeceu a hospedagem de maneira desonesta e vil. Ambicioso e sem escrúpulos, esperou uma oportunidade propícia. Contra a vontade de Helena, raptou-a. Raptou-a e, apossando-se de quantas riquezas pôde, prendeu-a no seu barco e fugiu. Toda a Grécia se levantou em peso ao ter conhecimento da infame conduta de Páris. Um só brado se ergueu: «Reconquistemos Helena.» Logo, sob a chefia de Agamémnon, rei de Micenas, uma poderosa frota se constituiu. Carregaram-na de soldados e de armas. E, sem demora, vencendo as ondas, desdenhando dos temporais, dominando as fúrias do vento, a frota aparelhou e lançou-se ao mar. Pelas praias

de Troia se espalhou o exército aguerrido. Mas — quê? Troia, cercada de muralhas fortíssimas, não era fácil de tomar. E tão bem guardada estava que, apesar dum cerco estreitíssimo e insistente, dez anos foram necessários para vencer os Troianos. Mesmo assim, apenas os venceu um estratagema dos Gregos, como mais adiante se dirá. De cima das suas fortificações, os patrícios de Páris mantinham a cidade inviolável. Heitor, filho de Príamo, comandava-os. Do lado dos Gregos, só Aquiles o defrontaria — Aquiles, a quem Tétis, sua mãe, garantia força, coragem, nunca dominadas —, o combateria e derrotaria com êxito. Mas Aquiles zangara-se. Não obedecia a Agamémnon, o chefe supremo. E é, afinal, a cólera de Aquiles o motivo principal da longa expetativa dos Gregos em face das fortificações de Troia. Isto é, da vergonhosa situação em que se encontraram durante nove anos. Agora se vão contar as mortandades, as humilhações, os desesperos e as lutas dos Gregos, abandonados pelo seu maior soldado, Aquiles, e desavindos com ele. Eis o que *A Ilíada* nos conta — e nos ensina: a tragédia duma discórdia que tantas outras e angustiosas tragédias provocou...

II

AQUILES EM CÓLERA

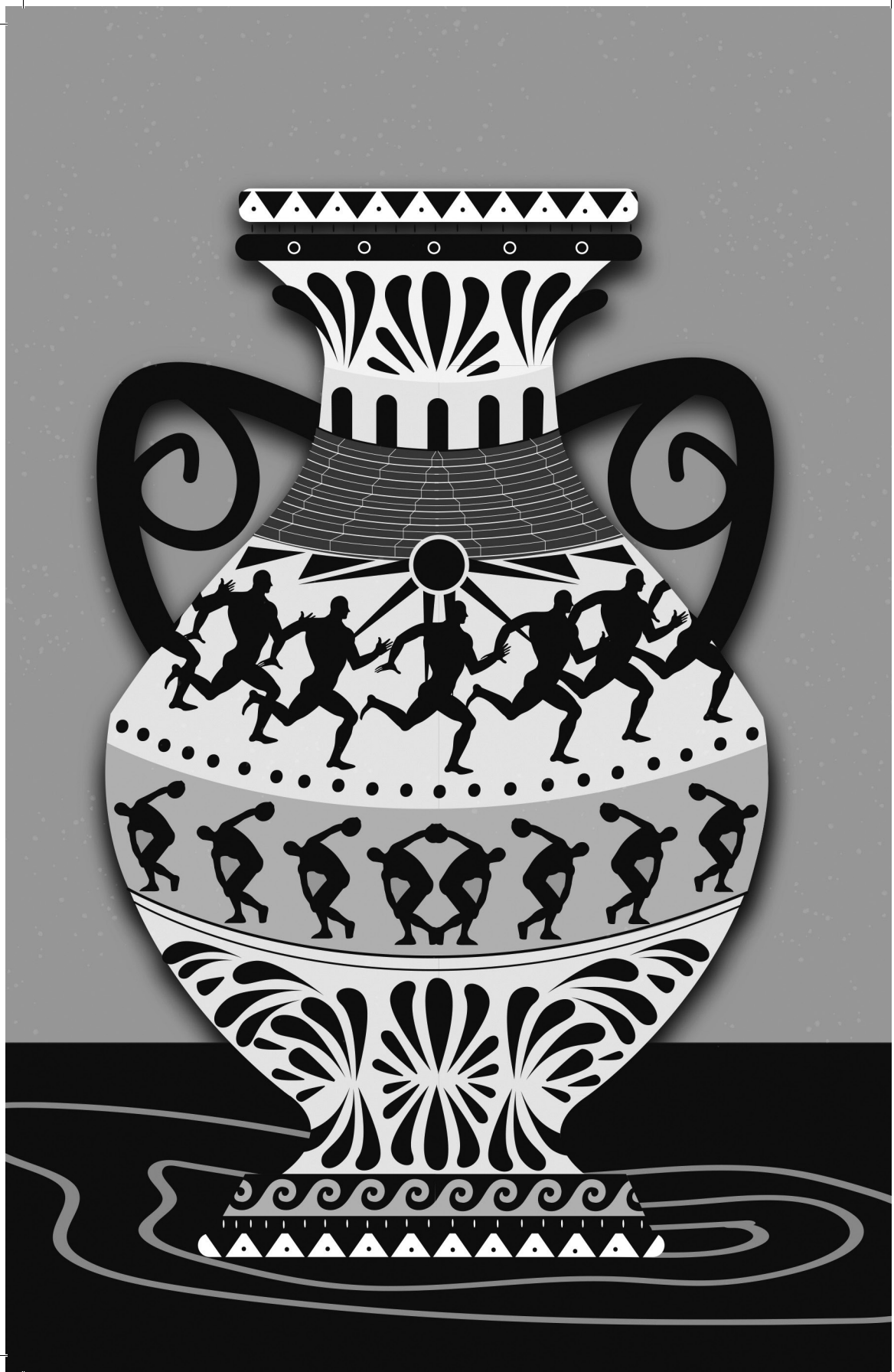


Porque se chama Ilíada ao poema de Homero? Porque Troia também se chamava Ílion. Troia ou Ílion, portanto, resistia ao cerco dos Gregos, que permaneciam desavindos. A desavença nascera deste facto infeliz: Agamémnon, abusando da sua autoridade de chefe, entrara na tenda de Aquiles e apoderara-se de várias das suas cativas e de alguns objetos de valor. Arrogava-se esse direito, que na realidade não tinha, por seu espírito de autoritarismo de chefe mal compreensivo de seus deveres. Aquiles indignara-se, e de tal modo que abandonara os companheiros e decidira não os auxiliar. Habituado ao mando — consciente da sua bravura e de suas capacidades guerreiras —, a injustiça contra ele praticada ferira-o profundamente. Vivia isolado, dentro da sua tenda, acompanhado do seu maior amigo, Pátroclo. Procedia bem? Decerto que não. A cólera é má conselheira. E a cólera de Aquiles excedia tudo o que imaginar se pode. Refervia-lhe no peito, turvava-lhe a vista, desvairava-lhe a alma. Tudo o que não fosse ela o deixava indiferente. Remoía-a, alimentava-se dela, manifestava-a a cada passo. Os exércitos gregos sofriam-lhe as consequências. Muitos heroicos e nobres militares os dirigiam: Nestor e

Ulisses, entre outros. Nenhum, porém, substituía vantajosamente Aquiles, o glorioso Aquiles, detentor de vitórias e de troféus inumeráveis. Certo é que, por causa da sua ausência dos campos da guerra, esta se eternizava, Troia continuava indestrutível, e tudo se limitava a combates corpo a corpo entre os Gregos assediantes e os Troianos assediados. A morte, afinal, a morte dos jovens mais valentes das duas hostes inimigas, ceifava-as sem piedade. O sangue corria a jorros. E, no Olimpo, Zeus, o supremo senhor de deuses e homens, não permitia que a balança do destino pendesse mais para um lado do que para o outro. Impiedoso, ora protegia os Gregos, ora auxiliava os Troianos. O prélio prosseguia com vicissitudes diversas. E Páris, junto de Helena, vivia em seu palácio, dentro das muralhas inexpugnáveis de Ílion, enquanto os barcos dos assaltantes, varados na praia, esperavam em vão a hora do regresso à pátria, carregados dos despojos do projetado saque da cidade. Miséria das misérias, a luta que não acabava, a carnificina horrível, em que as lanças, os gládios, os elmos e as couraças não protegiam nem estes, nem aqueles adversários, e não impediam que se enchessem de cadáveres mutilados — oh tristeza, oh iniquidade irremediável! — as areias risonhas das plagas de Troia... Apolo, protetor dos Troianos, Atena, protetora dos Gregos, equilibravam a sua influência. Quando consentiria Zeus que a vitória pendesse a favor dos espoliados companheiros de Menelau, o rei sem esposa e sem tesouros, roubados por Páris?

III

PROFECIAS FUNESTAS



Aquiles era, como já disse, filho de Tétis, deusa dos mares. Uma profecia assustadora anunciava já a morte do Herói, mas nunca antes da morte do seu principal inimigo, Heitor, o mais querido e corajoso filho de Príamo. Também o seu destino estava já previsto. Também já estava determinado, pelo poder divino de Zeus, que ele morresse às mãos de Aquiles. Mas o instante decisivo ainda não tinha chegado. A batalha não cessava, por isso mesmo Agamémnon não cedia às injunções dos seus combatentes. Não restituía a Aquiles as escravas e os tesouros que levara da tenda de Aquiles, arrogando-se direitos que, apesar de chefe, não lhe pertenciam. Mantinha-se inflexível. E inflexível se mantinha também Aquiles, recusando-se a combater enquanto não lhe fosse dada plena e inteira satisfação. Entre as cativas de que se apoderara Agamémnon contava-se uma, Briseida, de formosura e encantos viçosos, que o nobre Aquiles destinara a ser sua esposa. Esta mesma, Agamémnon raptara. Então os Gregos chamaram o adivinho Calcas, o mais sábio e inteligente de todos os Gregos, que recebera do Olimpo o dom de prever o futuro. Calcas veio, e declarou: «Ofendemos a Apolo, o amigo de Aquiles. Ofendemos sua mãe,

Tétis. Ofendemos Atena, sua protetora. Quereis a presença de Aquiles na luta sangrenta? Necessitais de seu auxílio? Pois bem: Aquiles vos ajudará, Aquiles vos dará a vitória. Indispensável será, porém, que Agamémnon lhe restitua a doce Briseida e lhe entregue de novo o ouro e as armas que violentamente levara da sua tenda, por cobiça imperdoável — feia ação que o deveria envergonhar. Então Aquiles, o Herói ilustre, o maior de todos os Gregos, que só de aparecer assustava o inimigo — então o glorioso Aquiles, de nascença divina, que nada temia e que todos temiam, voltará e vos oferecerá o triunfo que ambicionais. Que regresse Briseida ao seu primeiro senhor. Sacrificai depois uma centena de bois aos deuses, e tudo acontecerá como é *mister*.»

Calcas dava bons conselhos, sem dúvida. Conselhos de experimentada sabedoria. — Mas quê? O teimoso Agamémnon mal o ouvia, ou, se ouvia, não lhe obedecia. E replicou, furioso e esbracejante: «Para que vaticinas só desgraças e derrotas, bicho agoirento? Porque imaginas que as nossas infelicidades a mim, e apenas a mim, se devem? Briseida é hoje minha cativa. As riquezas de Aquiles não as roubei. Por direito de comandante da expedição, pertenciam-me. O caso parece-me que será outro: pretexto só para não se repartirem comigo os despojos da guerra. Disso estou convencido — e nem Calcas me convence do contrário...»

Aquiles, que o tinha escutado, serenamente observou: «Nobre Agamémnon, és, afinal, ambicioso de mais. Queres tudo, e nem tudo te contenta. Esqueces os teus deveres de chefe. Emudeces a tua consciência. Nunca nenhum de nós, e eu muito menos, desejámos ou pensámos não te dar o que te pertencerá quando a guerra terminar. Se me restituíres o que me tiraste, receberás depois três ou quatro vezes o valor dessa restituição. Sou um homem leal. O que prometo, cumpro. Vamos, nobre Agamémnon, decide-te. E, logo a

seguir, me verás em combate, vestido de minhas armas resplandecentes, armas em que o ouro, o bronze, a prata e o estanho resplandecem e me tornam invulnerável, e contemplarás o agradável espetáculo da fuga dos Troianos perante a minha infatigável coragem...»

Agamémnon não se convenceu. Desvairava, espumava de raiva. Olvidava as suas obrigações de comandante dos exércitos e dava o exemplo detestável dum abuso de autoridade e duma iniquidade malfazeja, de cujas consequências todos os Gregos padeceriam. E, pobre louco!, nem sequer pensava que, sem Aquiles, não ganharia nunca a já longuíssima guerra, não tomaria Troia, e perderia assim os despojos que lhe prometiam, muito mais importantes do que tudo quanto a Aquiles tinha roubado. E exclamava: «Não preciso de ti, Aquiles! Some-te! Reconhece o meu poder de chefe, se queres. Se não queres, adeus!»

Aquiles, desesperado, tirou então a espada e avançou, justamente indignado. Mas Atena, sua padroeira, desceu do Olimpo, e segredou-lhe:

«Contém a tua fúria, amigo! Os deuses sabem que tens razão e hão de recompensar-te. Sossega! Eu te prometo justiça e glória.» Aquiles aceitou o conselho, secundado por conciliadoras palavras do velho e prudente Nestor, aliás ditas sem o menor resultado.

Zeus, naquele momento — deus caprichoso e cruel —, não quis que Tétis, protegendo o filho bem-amado, ganhasse a partida. Do alto Olimpo, decidiu proteger os Troianos. E enviou a Agamémnon um traiçoeiro sonho, mandando-lhe avançar as tropas gregas contra os muros de Troia, contra os soldados de Troia, sabendo bem que, sem a espada invencível de Aquiles, aquelas tropas perderiam todos os combates que desencadeassem...